



Comércio ainda não repõe perdas

De acordo com as projeções da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, o comércio varejista da Região Metropolitana de São Paulo fechou o primeiro semestre com um crescimento real de vendas próximo aos 12% na área de bens de consumo, com destaque para o grupo de não duráveis (supermercados, drogarias), cujas vendas aumentaram 29 a 30% de janeiro a junho, em comparação com o mesmo período de 1984.

Antônio Carlos Borges, assessor econômico da federação, estima ainda que o grupo de bens duráveis fechou o primeiro semestre com aumento real de vendas de 7%, "puxado" pelo desempenho das concessionárias de veículos e, principalmente, autopeças e acessórios — os segmentos de mobiliário, eletrodomésticos e cine-foto-som vêm apresentando comportamento negativo em relação a janeiro-junho de 1984. O grupo de semiduráveis, por sua vez, deve ter registrado queda de 2% no semestre, liderada pelas vendas de vestuário (26% menores), enquanto calçados continuam em alta, estimada em 14% para o semestre.

Borges lembra, no entanto, que esses percentuais de crescimento do comércio não são significativos, já que a base de comparação — primeiro semestre de 1984 — registrou resultados ruins. Aliás, acrescenta, o comércio apresenta uma queda real acumulada de vendas de 21% entre 1980 e 1984 e, para este ano, a previsão é de um crescimento de 5% apenas.

"Não é esta a recuperação de longo prazo que esperávamos, porque não estamos repondo as perdas e as causas da retração — inflação e juros altos e corrosão dos salários — continuam presentes", afirma Borges, observando que o segundo semestre ainda é uma incógnita, pois o governo mantém política econômica indefinida. Se houver elevação de tributos, novas restrições salariais e retorno a uma política recessiva, as previsões de crescimento de 5% ao ano podem não ser cumpridas, nota. Estima, ainda, que, se essa projeção se realizar, o nível de emprego será mantido, o que significa um índice de desemprego de 7% em relação a 1984.